

O AMOR TAMBÉM TEM UM LADO NEGRO



Gothikana

Bestseller do
NEW YORK TIMES

RUNYX

TOP
SEL
LER

*Para todos os que sentiram que nunca se encaixaram,
e aprenderam da pior maneira que não é preciso.
Ser diferente é a vossa faca de dois gumes.
Um dia, encontrarão um escudo à altura.*

NOTA DA AUTORA

Caro leitor,

Agradeço-lhe por ter escolhido o meu livro! O facto de este lhe interessar significa muito para mim!

Antes de se aventurar em Verenmore e no mundo de *Gothikana*, gostaria de lhe fazer um aviso a respeito de algumas coisas que são mencionadas no livro. Se, de alguma forma, estas forem prejudiciais para a sua saúde mental, peço-lhe com franqueza que pare por um instante e reconsidere.

Este livro contém conteúdo sexual explícito recomendado apenas para maiores de 18 anos; aborda e contém cenas de suicídio, assassinato e morte; doenças mentais e negligência parental; agressão sexual e sacrifícios humanos. Há também um herói misterioso e moralmente dúbio que o vai frustrar bastante, porque o seu ponto de vista é limitado, e a minha intenção é que sinta o mesmo que a protagonista em relação a ele — confusão, frustração, desconfiança e lascívia.

Gothikana é muito diferente de tudo o que escrevi até agora, mas é também a história que mais me toca.

Verenmore é incrivelmente especial para mim, com personagens, incidentes e locais inspirados em alguns acontecimentos verídicos da minha própria vida. Se decidirem ler e fazer esta viagem comigo, espero que gostem.

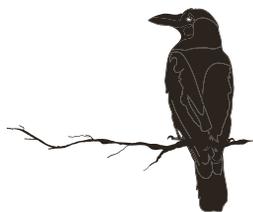
Obrigada.

*Então abri a porta de par em par;
Havia escuridão, e nada mais.*
Edgar Allan Poe, *O Corvo*

assim, ela não irá sozinha para essa terra terrível e desconhecida.
Bram Stoker, *Drácula*

Disse o corvo: «Nunca mais!»

Edgar Allan Poe, *O Corvo*



ONDE TUDO COMEÇOU

Vad

Não há nada mais assustador do que uma velha cega com olhos brancos a agarrar-nos no braço de repente, numa noite de lua cheia.

A Velha Zelda fora em tempos a zeladora da casa onde o pequeno Vad vivia agora com outros rapazes. Mas, depois de ter ficado cega devido a um acidente, há alguns anos, os administradores deixaram-na ficar, o que fora um erro, na opinião de Vad. Porque ela sabia coisas, coisas que não devia saber, coisas sobre rapazes que nem sequer conseguia ver. Sabia coisas muito antes de perder a visão. Sabia que Reed iria afogar-se no lago uma semana antes de isso acontecer. Sabia de Tor e da sua pele que ardia por dentro, coisa que ele nunca contara a ninguém. E ela dissera que o seu melhor amigo iria, um dia, «comer chamas», independentemente do que isso significasse, e Fury receava o fogo.

A Velha Zelda era assustadora como o raio. E Vad evitava-a sempre que podia.

Por isso, ser agarrado no pequeno jardim na noite do aniversário de um rapaz, à frente dos outros, não era algo que quisesse de forma alguma.

A mão frágil e enrugada dela agarrou o seu braço fino com uma força surpreendente.

— Para um castelo onde ninguém vai — dissera ela, com a voz trémula, o rosto fortemente enrugado, o branco dos olhos a fitar Vad de forma sinistra — irás tu, rapaz.

Ao seu lado, Fury riu-se.

— Porque iria ele para um castelo, Zelda? Onde é que ele iria encontrar um castelo? — Eram uns pobres coitados, todos eles.

— Ele vai encontrar muitas coisas — ditou a Velha Zelda, por cima do seu amigo. — Olhos púrpura. Vais encontrar olhos púrpura.

Ajax, outro rapaz da mesma idade de Vad, soltou uma gargalhada.

— Olhos púrpura? Ninguém tem olhos púrpura, Zelda. A menos que seja uma aberração.

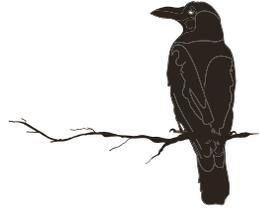
— Talvez ele também encontre um homem com três pernas — gritou outro rapaz, com um risinho efeminado.

— Ou uma rapariga com dois cornos — sugeriu outro.

Vad corou furiosamente, o seu eu de 7 anos estava a ficar enraivecido com a Velha Zelda por o ter encurralado daquela maneira e ter proferido coisas estranhas a seu respeito, das quais os seus amigos agora troçavam.

No meio das gargalhadas à sua custa, Zelda apertou-lhe o braço com mais força.

— Não te esqueças, rapaz. Vai envolver muitas mortes.



ALGUNS ANOS MAIS TARDE

Corvina

Preto.

Era a ausência de cor, o guardião da escuridão, o abismo das incógnitas.

Era o seu cabelo, as roupas da sua mãe, o vasto céu à sua volta.

Ela adorava o preto.

As crianças da cidade temiam-no, desde as sombras debaixo das suas camas até à noite sem fim que as cobria durante horas. Os pais ensinavam-nas a receá-lo. Também lhes ensinavam a recear a sua mãe, a senhora estranha de olhos estranhos que vivia nos limites da cidade, perto da floresta. Alguns sussurravam que ela era uma bruxa que praticava magia negra. Outros diziam que era uma aberração.

A pequena Corvina ouvia todos os rumores, mas sabia que eram falsos. A sua mãe não era uma bruxa nem uma aberração. A sua mãe era a sua mãe. Simplesmente, não gostava de pessoas. Corvina também não gostava de pessoas, mas a verdade era que a maioria das pessoas da cidade não era muito simpática.

Ainda no dia anterior, vira uma rapariga da sua idade a atirar pedrinhas ao corvo que tentava encontrar alguns galhos no chão para o seu ninho. Corvina sabia-o porque conhecia o corvo. Não havia

muitos na floresta, mas os que restavam conheciam-na, a ela e à sua mãe. E não era por causa de bruxarias.

Desde que tinha memória, a mãe levava-a todas as manhãs a uma clareira a poucos minutos da sua pequena casa de campo para alimentar os corvos. A mãe dissera-lhe, num dos dias bons em que falava, que se tratava de criaturas inteligentes e leais, que carregavam os espíritos dos seus antepassados e que olhavam por elas a partir dos céus durante o dia, tal como as estrelas faziam à noite.

E as duas bem precisavam de proteção.

A sua mãe não falava muito, mas ouvia vozes, vozes que lhe diziam coisas. Diziam-lhe para não falar com as pessoas, para dar aulas em casa a Corvina depois do incidente na escola, para a manter afastada de toda a gente. A mãe dissera-lhe que não podia andar por ali a vaguear, senão levavam-na. Não podia afastar-se do seu lado quando iam à cidade, senão levavam-na. Não podia falar com ninguém, senão levavam-na.

Corvina não queria ir-se embora.

Ela adorava a sua mãe. A mãe, que cheirava a salva, a erva fresca e a incenso. A mãe, que cultivava os próprios legumes e lhe cozinhava comida saborosa. A mãe, que levava Corvina à cidade uma vez por mês, apesar de o detestar, para irem buscar os livros que ela quisesse à biblioteca. Em grande parte dos dias, a mãe não falava, a não ser que estivesse a ensinar Corvina ou a sussurrar às vozes. Corvina também não falava muito. Mas sabia que era amada. Era a maneira de ser da sua mãe.

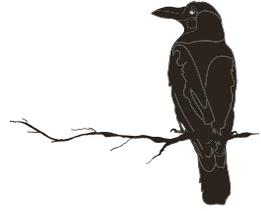
Enquanto caminhava ao lado dela, com os pezinhos sob o céu iluminado pela lua até à clareira — uma rara Lua de Tinta que acontecia de cinco em cinco anos, e sob a qual ela tinha nascido —, sorriu. A mãe estava feliz depois de muito tempo e isso deixava-a feliz também. Com as velas e os incensos que a mãe fazia, as cartas de *tarot* que lhe ensinava a ler e os cristais que iam recarregar, Corvina, de 10 anos, olhou para a escuridão ao seu redor e sentiu-se em casa.

Se a mãe era uma aberração, então talvez ela também fosse.

Afinal de contas, às vezes também ela ouvia as vozes.

*Cada um é o seu próprio demônio
e fazemos do mundo o nosso inferno.*

Oscar Wilde, *A Duquesa de Pádua*



CAPÍTULO 1

Corvina

Corvina nunca tinha ouvido falar da Universidade de Verenmore. Mas, por outro lado, não tinha ouvido falar da maioria das coisas normais, devido ao modo como fora criada. No entanto, também mais ninguém a conhecia.

Segurando a carta que recebera há semanas — uma carta escrita a tinta em papel grosso castanho que cheirava a livros velhos e adorados —, releu as palavras:

UNIVERSIDADE DE VERENMORE

Cara menina Clemm,

A Universidade de Verenmore tem o prazer de lhe oferecer uma vaga. Há mais de um século que recrutamos estudantes oriundos de meios especiais para frequentar a nossa estimada instituição. O seu nome foi-nos indicado pela Instituição Psiquiátrica Morning Star.

Gostaríamos de lhe oferecer uma bolsa de estudos integral para um curso em Verenmore, um programa de dois anos com início a 5 de janeiro. Este diploma dar-lhe-á acesso a alguns círculos exclusivos no futuro e abrir-lhe-á muitas portas no mundo. Acreditamos que, com o seu percurso académico e história pessoal, será uma boa aposta para a nossa instituição.

Embora compreendamos que este deva ser um momento difícil para si, é necessário que tome uma decisão. Por favor, responda a esta carta para o endereço anexo para obter mais informações. Se não recebermos qualquer resposta da sua parte no prazo de sessenta dias, lamentamos, mas teremos de retirar a oferta.

Na esperança de receber notícias suas.

*Cumprimentos,
Kaylin Cross,
Especialista em Recrutamento,
Universidade de Verenmore*

Corvina nunca tinha recebido uma carta, muito menos uma tão bizarra como aquela.

E era mesmo muito bizarra.

Ela era uma rapariga de 21 anos que havia sido educada em casa e que passara toda a vida isolada pela mãe. Por que motivo haveria uma universidade de querer uma aluna que já ultrapassara a idade normal e que não gozava de uma escolaridade convencional? E quem é que ainda enviava cartas manuscritas?

O mais estranho é que ninguém sabia nada sobre a universidade. Ela tentara descobrir alguma coisa — perguntando ao médico responsável das instalações, usando o computador da biblioteca da sua cidade — e ninguém sabia nada. Verenmore não existia em lado nenhum, exceto no mapa, uma pequena mancha, uma cidadezinha com o mesmo nome no vale do Monte Verenmore. Era tudo.

A escola ficava algures na montanha, onde, regra geral, os civis não estavam autorizados a entrar. E ela sabia disso porque o seu motorista de táxi — um homem muito afável chamado Larry — acabara de lho dizer enquanto os conduzia montanha acima.

— Já n'há muita gente por aqui que vá 'té ao castelo. — Larry continuou a despejar uma enxurrada de informações enquanto guiava o pequeno carro privado preto pela estrada ligeiramente inclinada.

Corvina encontrara-o mesmo à saída da estação de comboios à chegada. Precisara de dois comboios — um de Ashburn e outro de Tenebrae — e de mais de doze horas para chegar a Verenmore. Larry ficara surpreendido quando ela lhe indicara o seu destino na montanha, a ponto de rezar antes de ligar o carro.

— E porquê? — perguntou Corvina, observando a pequena cidade a diminuir ao longe, enquanto o verde luxuriante engolia a sua visão.

Não estava habituada a conversar, mas precisava de saber o máximo que pudesse sobre a escola na qual concordara ingressar. Não que tivesse nada melhor para fazer.

Viver na casinha de campo onde crescera, fazer velas, joias e recitais de leitura para ganhar dinheiro tornara-se monótono,

especialmente quando ninguém na cidade, exceto o velho bibliotecário, a tratava com outra coisa que não fosse desconfiança. A carta de aceitação viera como um sinal do Universo, e a mãe sempre lhe dissera para nunca ignorar esses sinais. Corvina sempre quisera experimentar uma escola para os divergentes sociais, estudar com outros humanos à sua volta e aprender mais sobre pessoas que não sabiam nada sobre ela. Uma tábua rasa para escrever o que quisesse, como quisesse. Era contraditório, posto que era uma solitária, mas era observadora. Sempre que tinha oportunidade, gostava de olhar com atenção para os outros.

— Sei lá. — O motorista encolheu os ombros estreitos debaixo do casaco bege fino. — Histórias sobre o lugar, acho eu. Dizem qu'ô castelo está assombrado.

Corvina bufou. Ela duvidava disso. Na sua experiência, era costume que, com o passar do tempo, lugares e coisas velhas recebessem o rótulo de assombradas. Mas também queria manter uma mente aberta.

— E está? Assombrado, quero dizer? — perguntou ela, ainda curiosa por saber mais sobre a misteriosa universidade.

O condutor olhou-a através do espelho retrovisor antes de se concentrar uma vez mais na estrada.

— Vai ficar no castelo ou está de visita, menina?

— Ficar — disse-lhe ela, olhando de relance para a carta que tinha na mão e enfiando-a na mala de pele castanha que pertencera à avó. Era a única coisa que recebera de alguém que não a sua mãe.

— Eu aconselhava-a a ficar alerta. — O condutor concentrou-se à medida que a inclinação se tornava mais acentuada. — Não sei se o sítio está assombrado, mas sem dúvida que há ali qualquer coisa que não bate certo.

Depois disso, o silêncio reinou durante alguns minutos. Corvina baixou ligeiramente o vidro da janela para contemplar a incrível beleza natural da montanha. A vista era diferente de tudo o que vira antes. De onde ela vinha, os bosques eram mais amarelos e o ar mais húmido.

Enquanto o ar frio e seco chicoteava as madeixas escuras que tinham escapado da sua trança, Corvina deixou-se levar pela abundância de vegetação intensa e escura que se expandia por baixo dela, a pequena cidade como uma clareira modesta no meio do mato. O cheiro a flora desconhecida entrava pela janela aberta, o céu era uma imitação nublada e pálida de si mesmo.

A música, que estivera baixa durante toda a viagem, estalou enquanto subiam a montanha. Corvina olhou para o painel de instrumentos enquanto o condutor suspirava.

— É sempre assim — esclareceu ele. — O sinal é pior aqui em cima.

Corvina deu por si a franzir o sobrolho.

— Então, como é que a escola comunica com o exterior?

O motorista encolheu os ombros.

— Eles têm um rapaz que mandam à cidade, geralmente. Para enviar cartas, usar a Internet e coisas do género.

— E esta é a única estrada que sobe e desce a montanha? — Por hábito, era mais calada, embora não soubesse se isso era uma tendência natural ou falta de alguém com quem falar. Dado que vivia sozinha como uma pária na periferia da sua pequena cidade, Skarsdale, por vezes passava dias sem sequer ouvir o som da própria voz.

— Sim. — O condutor acenou com a cabeça, passando por uma curva.

Corvina agarrou-se à pega lateral para não cair. Da primeira vez que entrara num carro, fora assaltada pela claustrofobia. Sempre fora a pé para a cidade com a mãe. Tinha visto carros, mas nunca estivera dentro de um, até ao dia em que a vieram buscar e a enfiaram num. Felizmente, a claustrofobia era controlável, desde que o ar do exterior continuasse a circular.

— Mais alguma coisa que eu deva saber sobre o castelo? — perguntou ela, assim que passaram a curva da montanha, o nevoeiro a adensar-se à frente do para-brisas, o ar a ficar mais fresco, mais leve, à medida que subiam.

O condutor hesitou, o olhar pousou brevemente no espelho, fixo nos estranhos olhos violeta que ela herdara da mãe.

— Há alguns rumores, menina. Não sei até que ponto são verdadeiros.

Outra curva.

Corvina espreitou pela janela, respirando o ar fresco e gélido e apercebendo-se de que a vista que tinha admirado há momentos desaparecera sob o espesso nevoeiro branco. Talvez fosse algo capaz de aterrorizar algumas pessoas, mas Corvina sempre se sentira confortável perante coisas estranhas.

Com um ligeiro sorriso nos lábios, esperou que o condutor percorresse a curva em segurança antes de o interpelar.

— Que rumores?

— Coisas estranhas — acrescentou, com um sotaque mais carregado. — P'ssoas a cometerem suicídio, a desaparecerem, por aí adiante. Enfim, não sabemos até que ponto é verdade. Os habitantes da cidade só vão ao castelo pra trabalhos temporários. Limpezas ou entregas. Mas foi o que a minha mãe me disse, e a mãe dela antes dela. As pessoas do castelo enlouquecem.

Era estranhamente específico para ser um rumor. No entanto, ela não sabia se teria algum fundo de verdade. As pessoas da cidade podiam simplesmente tê-lo inventado para se divertirem e para terem uma razão para se manterem afastadas daquele lugar estranho. Podiam ser histórias da carochinha. Ou talvez não fossem. Ela iria de mente aberta. Sabia melhor do que ninguém como os falsos rumores podiam prejudicar vidas.

Antes que Corvina pudesse perder-se nas suas memórias, contornaram outra curva e, de repente, a silhueta imponente de um enorme portão de ferro rompeu o nevoeiro. Com o coração a bater mais depressa, Corvina inclinou-se para a frente e semicerrou os olhos para tentar ver melhor.

Altos.

Os portões eram altos, de um lado a montanha servia-lhes de muralha e, do outro, mergulhavam no vale que ficava lá em baixo.

Não havia maneira de alguém os transpor, não sem uma queda mortal. A segurança apertada causou-lhe um arrepio na espinha. Ou talvez fosse o frio do céu cinzento. O motorista parou e baixou a janela quando um guarda de uniforme castanho que segurava uma prancheta saiu da sala de vigília ao lado.

— O seu nome? — perguntou ele a Corvina, num tom totalmente sério.

— Corvina Clemm — respondeu ela em voz baixa, observando o homem.

Tinha cabelo claro, um bigode de aspeto perverso curvado nas pontas e olhos castanhos surpreendentemente gentis para um homem com aquele tom de voz. Parecia ríspido, mas ela sentiu que era uma pessoa de boa natureza. Ela não sabia como é que tinha sempre esse conhecimento sobre as pessoas que encontrava — um instinto aguçado, como a mãe sempre lhe chamara —, mas ver que o seu primeiro contacto na universidade era um homem bom fê-la sentir-se melhor.

Ela estudou-o enquanto ele folheava a lista até se deter.

— E vai ao encontro de quem, menina Clemm?

— Kaylin Cross, do gabinete de administração — avançou Corvina.

Depois de Corvina ter expressado o seu interesse por carta, Kaylin Cross dera-lhe as instruções de como chegar à universidade e tudo o que precisava de levar consigo. Corvina sabia que iria partilhar o quarto com outra rapariga da sua turma, sabia que iria receber todos os seus livros no final da semana, e sabia que aquele era um novo começo, num lugar onde ninguém a conhecia nem ao seu passado. Era uma oportunidade de melhorar a sua vida, talvez até de fazer uma boa amiga, e quem sabe, se o Universo fosse generoso, de conhecer um rapaz como nos romances.

O guarda de bigode acenou com a cabeça, arrancando-a às suas reflexões, e levantou a mão para alguém do outro lado da sala de vigilância. Os portões gigantes abriram-se devagar, o ruído semelhante ao de um monstro a gemer ao despertar.

— Bem-vinda a Verenmore, menina Clemm — disse-lhe ele, antes de olhar para o motorista. — Cinco minutos, Larry.

— Tudo bem, Oak. — O condutor assentiu, antes de voltar a ligar o carro.

Enquanto passavam, Corvina levantou o olhar para os imponentes portões de ferro forjado e entrou oficialmente nas instalações da universidade. A agitação na sua barriga transformou-se em tremores quando pôs a cabeça fora da janela para espreitar para cima, e, por fim, viu o castelo empoleirado no topo da montanha. Quanto mais se aproximavam, maior se tornava. Chamar-lhe castelo era um eufemismo. Era uma monstruosidade, uma monstruosidade bela e espantosamente construída.

O carro parou diante de portas de madeira altas, e Larry saltou para fora para a ajudar a descarregar a bagagem. Corvina agarrou na sua mala e apressou-se a sair também, tirando algum dinheiro para o homem simpático enquanto Larry colocava a mala e a bagagem de mão na entrada empedrada.

— Só posso ir até aqui, menina — informou Larry, metendo no bolso o dinheiro que ela lhe entregara.

— Obrigada. — Ela acenou com a cabeça e ele fez-lhe um pequeno sorriso, saltando rapidamente para o carro e fazendo marcha-atrás.

Corvina ficou a assistir enquanto o homem se apressava e desaparecia na curva que o levaria aos portões principais.

— Pensam que os vamos comer ou algo do género. — Atrás de si, uma voz feminina irónica fez com que Corvina se virasse. Uma bela rapariga de olhos verdes com um cabelo branco muito curto estava a sorrir, com uma mala cor-de-rosa ao lado. — Raios, rapariga, os teus olhos são esquisitos — assobiou. Corvina não conseguia parar de olhar para o *piercing* metálico na sua sobranceira. — E não o digo de forma ofensiva. Olá, sou a Jade.

Corvina gostou dela imediatamente.

— Corvina — apresentou-se, numa voz que soava rouca em contraste com o tom feminino de Jade.

— Nome fixe. Primeiro ano? — perguntou Jade, sentando-se na mala com as pernas curtas e pálidas expostas nos calções de ganga.

Corvina perguntava-se se ela não teria frio.

— Sim. E tu? — indagou, mexendo na pulseira, aquela que nunca tirava.

Tinha noção do que a outra rapariga estava a ver. Uma jovem baixa e magra, de ascendência desconhecida, com olhos violeta de cantos inclinados para cima, pele beijada pelo sol, embora raramente passasse muito tempo exposta, um *piercing* no nariz, cabelo preto numa trança que lhe chegava à cintura, de calças pretas largas e uma camisola roxa fina.

Jade riu-se.

— Possivelmente. Quero dizer, no ano passado frequentei o primeiro ano e depois fugi, mas depois meteram-me juízo na cabeça e voltei. Mas acho que, provavelmente, vou ter de repetir o ano. Estes tipos não têm muitas regras, mas as que têm? Dizer que são rigorosas é pouco.

Corvina deu por si a sorrir ligeiramente. A rapariga falara mais num minuto do que Corvina falava num ano inteiro.

— Este castelo é de doidos. Acho que nunca me vou habituar. Devias ver o interior, é ainda maior do que parece visto daqui. Não falas muito, pois não? — perguntou Jade, semicerrando os olhos para Corvina.

Esta abanou a cabeça, apreciando a conversa da outra rapariga, sem dúvida mais nova. De qualquer maneira, ela duvidava que conseguisse dizer uma palavra.

— Fixe. — Jade fez-lhe um aceno de cabeça. — Queres ficar no meu quarto? Eu sou um bocado intrometida, mas sou simpática acima de tudo. E posso pôr-te a par de todas as informações sumarentas.

Deus, a rapariga era incrível. Corvina nunca tinha conhecido ninguém que a tratasse com tanta... *normalidade*. Ela sorriu.

— Acho que era capaz de gostar disso.

— Raios, tens um sorriso de arrasar, Corvina. — Jade sorriu.
— Posso chamar-te Cor? Não te importas, pois não?

Corvina encolheu os ombros. Não sabia como se sentir em relação a isso. Sempre fora Corvina para os outros. Mas aquele era um capítulo novo. Talvez também pudesse ser outra pessoa, alguém mais despreocupado, alguém com mais estofó.

— Não me importo.

Nesse momento, as portas abriram-se e saiu uma mulher quase da idade da sua mãe, com cabelo ruivo curto, num belo vestido formal bege.

— Ah, Jade. — Cumprimentou a nova amiga de Corvina. — Ótimo, estás aqui. Corvina — ela virou-se na mesma cadência —, eu sou a Kaylin Cross.

Aproximou-se, de mão estendida. Corvina apertou-lhe a mão, com uma espécie de formigueiro desagradável na palma quando se tocaram.

Kaylin retirou a mão e continuou sem se deter:

— Por favor, trata-me por Kaylin. Sou a especialista de recrutamento aqui em Verenmore. Sou também a vossa intermediária daqui para a frente. Se tiverem algum problema, o meu gabinete é na Ala Administrativa... — Fez um gesto na direção do enorme edifício de onde acabara de sair. — Podem encontrar-me lá das nove às três todos os dias. Jade — lançou um olhar severo à outra rapariga —, não fujas desta vez. Vocês as duas vão ficar juntas no quarto. Peguem na bagagem. Vamos falando pelo caminho.

Kaylin era rápida. As palavras e passos céleres mal deram tempo para que Corvina pudesse fazer outra coisa que não agarrar na pega da mala de viagem, sobre a qual repousava a bagagem de mão. Viu Jade fazer o mesmo, e as duas seguiram a mulher mais velha para dentro do *campus*. Jade tinha razão. Era amplo.

Jardins bem cuidados serviam de pequenas divisórias entre as diferentes alas do castelo, com pessoas a passear em algumas delas. Altos torreões adornavam as diferentes torres que Corvina conseguia ver. As paredes de pedra eram rasgadas por janelas em arco e trepadeiras, algumas com rosas a florir na base. As gárgulas sobressaíam no alto das paredes, encimando os algerozes numa exibição

grotesca. O topo de cada torre estava coberto por uma espécie de pedra de um azul intenso que contrastava com o castanho-claro do restante dos edifícios.

Era de *cortar a respiração*.

Corvina nunca tinha visto nada assim em toda a sua vida. Os livros que lera com castelos eram normalmente romances históricos que nunca incluíam imagens. Ela limitara-se a imaginá-los, e aquela realidade superava em muito a sua imaginação.

— Somos uma universidade bastante pequena — começou Kaylin, conduzindo-as pela lateral direita, enquanto Jade e Corvina arrastavam a bagagem atrás de si pelo caminho empedrado, as rodas a ressoar contra as pedras.

À sua esquerda, surgiu um grupo de rapazes sentados nos degraus do exterior de uma torre, e a conversa cessou quando todos os olhares se voltaram para as três.

Corvina sentiu o seu rosto aquecer perante todos aqueles olhares masculinos, uma timidez natural que a dominava. Ela nunca tinha interagido com homens — a não ser que contabilizasse os médicos —, embora adorasse ler a seu respeito. Há vários anos, começara a escolher livros românticos na biblioteca para ler à noite, depois de a mãe ir para a cama. A mãe, mesmo quando estava acordada, mal falava com Corvina além dos ensinamentos. Os livros haviam-se tornado o seu refúgio, especialmente os livros com homens — humanos, metamorfos ou extraterrestres — que se apaixonavam perdidamente e conquistavam as suas mulheres de corpo e alma. Esses eram os seus preferidos.

Corvina queria isso. Queria pertencer a alguém, ser amada, ser adorada por inteiro, independentemente do que acontecesse e apesar do seu passado. Ela sentia essa ânsia nos ossos de tal forma que, em certos dias, achava que ia morrer de tanta fome. Havia uma dor lancinante na sua alma e ela desejava-o tanto, tanto. Mas sabia que os livros que lia eram ficção, e as hipóteses de ela, de entre todas as pessoas, encontrar algo remotamente semelhante eram escassas.

Ainda assim, apertou os lábios, afastou os pensamentos e mostrou um sorriso aos rapazes que tinham olhado para elas.

Novos começos, nova Corvina.

— Verenmore tem cerca de dois mil alunos, cem a mais, cem a menos — informou Kaylin, captando de novo a sua atenção, com uma voz que levava Corvina a crer que ela já fizera aquele discurso inúmeras vezes. — Já existimos há mais de cento e cinquenta anos. A universidade foi criada para educar e elevar estudantes brilhantes que, de outra forma, não poderiam pagar uma educação universitária convencional por muitas razões. Todos os estudantes daqui vieram de circunstâncias invulgares. Financiamos tudo o que nos é possível. Por sorte, a direção tem alguns dos membros mais influentes da sociedade, pelo que, felizmente, o nosso financiamento tem sido sempre coberto. Alguns são eles próprios antigos alunos. Outros optam por retribuir tornando-se professores aqui. Não somos uma elite, mas somos muito exclusivos. Agora, fazem parte dessa exclusividade.

Enquanto Kaylin estava a falar, Corvina tomara nota de que tinham passado por quatro torres altas. Pararam na quinta torre, a que ficava ao fundo, e Kaylin virou-se para elas.

— Como aqui a Jade já conhece o quarto, vou deixar que ela te oriente. Temos um pacote de boas-vindas que inclui um mapa, o vosso horário e os professores que vão ter este semestre. Se precisarem de mais alguma coisa, procurem-me. Bem-vindas a Verenmore.

Com isso, virou-se e afastou-se na direção da qual tinham vindo.

— Estás com bom aspeto, Jade — gritou um rapaz bonito, louro e de olhos azuis, sentado com o grupo nos degraus da outra torre. — Não pensei voltar a ver-te por aqui depois da forma como fugiste.

Corvina viu Jade cerrar os dentes enquanto exibia o dedo médio com unhas de um verniz cor-de-rosa vibrante.

— Parvalhão — murmurou Jade. — Vamos andando, sim?

Corvina assentiu. Não sabia por que motivo a rapariga teria fugido, mas até então mostrara-se simpática com ela e tornara-se a sua primeira amiga. Corvina não gostava da ideia de a ver desconfortável.

— Olá, Púrpura — disse o mesmo rapaz no momento em que Corvina deu um passo em frente, referindo-se obviamente aos seus olhos muito característicos ou à sua camisola.

Ela hesitou no limiar, perguntando-se se deveria virar-se, principalmente porque não havia mais nada remotamente próximo do púrpura por perto.

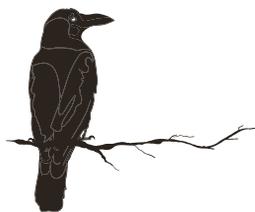
Se calhar, não é boa ideia ignorar as pessoas no primeiro dia, Corvina.

Ela suspirou, virando o pescoço para ver o rapaz a fazer-lhe um sorriso.

— Tem cuidado com essa. — Ele apontou para Jade.

Corvina ergueu as sobrancelhas. Era evidente que havia alguma história entre os dois. Estava prestes a afastar-se quando a voz dele soou uma vez mais, as palavras cortando o ar e detendo-a por um instante.

— Vê bem onde metes os pés com ela. A sua última colega de quarto atirou-se do telhado da torre.



*O que não está morto pode fazer eternamente.
E em tempos estranhos até a morte pode morrer.*

H. P. Lovecraft, *O Chamamento de Cthulhu*

CAPÍTULO 2

Corvina

Portanto, Corvina não era a única que tinha segredos.

Enquanto desfaziam as malas e se instalavam no quarto, com o crepúsculo a cair rapidamente lá fora, Corvina decidiu abordar simplesmente o assunto que fizera com que a sua única amiga instantânea ali ficasse calada.

— É verdade? O que ele disse? — perguntou ela a Jade, e viu a mão pálida da outra rapariga tremer ligeiramente enquanto desfazia as malas.

— Sim — suspirou Jade, deitando-se na cama como uma estrela-do-mar, a fitar o teto alto.

O quarto era surpreendentemente bonito.

Era muito mais espaçoso, muito maior do que o seu quarto na casa de campo, com duas camas de solteiro frente a frente, uma mesa de cabeceira ao lado de cada uma e amplos armários de madeira nos cantos. Mesmo em frente à porta de entrada, havia uma janela grande e espantosa em arco que dava para a cerca do castelo, no meio de um bosque verdejante, e para a montanha mais abaixo. O teto era de pé alto com vigas de madeira que ela sabia serem uma característica da arquitetura gótica, cujo nome não conseguia recordar de

forma alguma. Cortinas grossas, verde-escuras, pendiam dos lados das janelas, presas por uma corda polida. Era lindo e mais luxuoso do que tudo o que ela vira antes.

E o vento fazia uma corrente de ar infernal, uma vez que a torre não tinha aquecimento. Pelo menos, de momento, o tempo era tolerável.

Corvina decidiu sentar-se na sua própria cama, mesmo em frente à de Jade.

— O que aconteceu? — perguntou com timidez, ainda sem certeza se queria saber mais sobre a rapariga que a precedera naquele quarto.

— Não sei. A Alissa era feliz aqui — começou Jade, ainda a olhar para o teto. — Ela vinha de uma família de acolhimento, como eu, e depressa nos tornámos próximas. Ela adorava estudar aqui, adorava este sítio. Era uma boa aluna, uma boa pessoa. A única regra que quebrou foi a de andar com um professor.

— Isso não é permitido? — perguntou Corvina, curiosa.

Jade abanou a cabeça.

— Nem pensar. É uma das regras mais rigorosas da universidade. Os alunos e os professores têm vidas distintas. Mas o Sr. Deverell... bem, ele é diferente. Tecnicamente, ele ainda é um estudante, ou pelo menos era na altura, já que estava a trabalhar no seu doutoramento.

— Espera. — Corvina franziu o sobrolho, confusa. — Então, como é que ele era professor?

— Aparentemente, o professor anterior arranjou um emprego melhor e a direção não conseguiu encontrar ninguém para o substituir a tempo. Então, a Dra. Greene, a diretora do departamento, permitiu que o Sr. Deverell desse aulas aos alunos do primeiro ano enquanto trabalhava na tese, e ela ocupou-se das turmas de finalistas. Nunca tinha acontecido antes, por isso ele era uma figura estranha.

Estranho, de facto.

Corvina levantou-se e começou a pendurar o resto da roupa, enquanto Jade continuava:

— Mas também não culpo a Alissa por se ter envolvido com ele. Ela não devia ter feito isso, mas o Sr. Deverell... ele tem qualquer coisa. É giro, mas muito frio. Ninguém sabe nada sobre ele, de onde é que ele vem, nada. Demônio de olhos prateados, era o que lhe chamávamos. E tem uma madeixa de cabelo prematuramente grisalha que lhe fica tão bem, sabes?

Não, não sabia. Mas acreditava na sua palavra e voltou ao assunto.

— Então, a Alissa andava a sair com ele?

— Sim, mas eu era a única que sabia disso. Não é que dessem nas vistas ou algo do género. Na verdade, eram bastante discretos, por isso não sei o que aconteceu. Parte de mim pensa que talvez ele seja o culpado. Por que raio iria ela para o telhado se não fosse por causa dele? Mas não sei.

Jade pressionou os olhos com a palma das mãos e Corvina sentiu o coração doer por causa do sofrimento que emanava da sua amiga. Começou a levantar-se para a confortar, mas voltou a sentar-se, sem saber o que fazer. Ia torcendo a camisola que segurava entre os dedos.

Jade olhou para ela.

— Quando a vi no telhado, eu estava nos jardins com o Troy, o palerma louro lá de baixo, e o grupo dele. Espero que, entretanto, tenham bloqueado esse acesso. Tentámos chamá-la, fazer com que nos ouvisse. Ela nem sequer olhou para baixo. Não hesitou. Nem pestanejou. Caiu do telhado como se estivesse a andar no ar.

O sol poente lançou um brilho sinistro no espaço enquanto Jade falava. Corvina foi assolada por um arrepio enquanto ouvia a amiga.

De repente, qualquer coisa se moveu na sua periferia. Dirigiu os olhos ao canto da sala, onde jurava ter visto a luz a falhar. Nada.

Pestanejando, Corvina esforçou-se por se concentrar, tentando perceber se teria visto alguma coisa, mas continuava a não haver ali nada.

Com o coração aos saltos, levantou-se, dirigiu-se ao armário e começou a arrumar as suas coisas, voltando a concentrar-se na conversa.

— O corpo dela caiu mesmo à minha frente. A cabeça abriu-se com o impacto — acrescentou Jade, com a voz trémula. — Eu não consegui aguentar. Então, fugi.

Corvina ouviu aquelas palavras e desviou os olhos para lá da janela, a cena horrível que pintavam a ganhar vida na sua mente. Sacudiu a imagem arrepiante, distraíndo-se com a vista: uma gárgula grotesca no canto superior direito da parede no exterior, empo-leirada e de boca bem aberta. Ela sabia que era apenas um algeroz, mas parecia medonho. Nem conseguia imaginar como seria assustador à noite.

— Não investigaram? — perguntou à nova amiga, abrindo uma gaveta para a roupa interior.

Não que gostasse de a usar. Corvina não se dava bem com sutiãs. Tendo crescido no meio em que crescera, sozinha, apenas com a mãe como companhia, os sutiãs só tinham utilidade de vez em quando. Por outro lado, usava cuecas todos os dias, exceto quando não lhe apetecia.

— Disseram que o conselho de administração iria ocupar-se do assunto, uma vez que se tratava claramente de um caso de suicídio — contou Jade. — Talvez tenham sido obrigados a apresentar queixa à polícia. Não sei.

Mas era muito estranho. Não era de todo aquilo de que ela estava à espera no seu primeiro dia neste novo lugar. Embora estivesse um pouco nervosa com a nova escola e as novas pessoas — dois ambientes em que nunca fora testada —, não imaginara nada daquilo. Na verdade, não sabia como responder ou reagir à situação, por isso optou por ficar calada e limitou-se a desfazer as malas.

— Dás-me um abraço? — A voz vinda de trás fê-la virar-se e encontrar Jade ali, de pé. Eram quase da mesma altura. — A minha família de acolhimento sempre me disse para pedir abraços quando estivesse triste.

Corvina pestanejou, um pouco desorientada. O seu último contacto humano ocorrera há anos, quando agarrara a mão da mãe antes de a soltar. Engolindo em seco, Corvina deu um passo em

frente e passou os braços à volta da rapariga, pestanejando para afastar as lágrimas que haviam surgido subitamente. Jade era querida. Cheirava a morangos, a felicidade e a algo um tanto obscuro enquanto abraçava Corvina. Ambas soltaram um suspiro como se o peso do mundo tivesse sido removido dos seus ombros.

— Também sinto que estás triste — observou Jade. — Mas és boa. E se o que aconteceu com a Alissa me ensinou alguma coisa, foi a falar das merdas que nos magoam. Só quero que saibas que estou aqui para ti. Para tudo o que quiseres falar. Sem julgamentos.

Os olhos de Corvina ardiam. O seu nariz contorceu-se, como sempre acontecia quando estava perto das lágrimas, e ela acenou com a cabeça.

— Obrigada. Também estou aqui para ti.

Jade recuou e foi até à sua mala, remexendo numa secção e puxando peças de roupa para fora.

— Enfim, preciso de mudar de assunto. Rapazes. Sim, falemos de rapazes. Gostas de rapazes, certo? Tudo bem se não gostares. Só quero saber para poder passar a informação correta.

Corvina riu-se, desfazendo a mala.

— Gosto de rapazes. Gosto muito. Mas não tenho muita experiência com eles. — E com isso queria dizer *nenhuma*.

Jade sorriu-lhe.

— Oh, Verenmore é um ótimo lugar para adquirir experiência. Imagina só, em que outro sítio iríamos encontrar um catálogo dos rapazes mais malvados e rabugentos, mas com cérebros de verdade? Aqui mesmo, pois é. A maior parte dos rapazes por aqui é simpática. Não todos, mas a maioria. No entanto, se estás à procura de experiências sexuais, sugiro que evites os do primeiro ano. Estão mais concentrados em instalar-se e no seu próprio prazer do que no da parceira, se é que me entendes. Espera, que idade tens?

Corvina estava fascinada com a capacidade que Jade tinha de se expressar num único fôlego.

— Tenho 21. E tu? — respondeu ela, dobrando a última das saias pretas da mala.

Ela adorava saias, adorava a forma como a faziam sentir-se feminina, a sensação de ar a envolver-lhe as pernas, tudo nelas. As saias compridas eram as suas favoritas.

— Raios, entraste tarde. Tenho 19 anos. Enfim, assim sendo recomendo os seniores. Normalmente têm 21 ou mais e são mais experientes — continuou Jade, acendendo as luzes do quarto. O brilho amarelo suave era bastante reconfortante. — Mas não o Troy, o parvalhão. Eu andava com ele no ano passado e ele está chateado por eu ter fugido. Mas havemos de resolver isso.

Corvina admirava a sua confiança. Esperava que um dia fosse capaz de falar com um rapaz sem sentir que o peito estava a afundar-se.

Algo no canto voltou a agitar-se e Corvina sentiu o seu olhar ser atraído para o local.

— *Limpa o teu espaço, Vivi.*

A voz masculina veio-lhe à mente.

Ela não ficou surpreendida por a ouvir. Era uma voz que ouvira durante toda a sua vida. Era uma voz reconfortante, que deixava uma doce fragrância a sândalo na sua cabeça. Da primeira vez que a ouvira, chamara-lhe Mo. Mo tinha estado sempre com ela, a orientá-la, e ela sabia que não devia ignorar os seus conselhos. Da única vez que o fizera, ele pedira-lhe para ir ver a mãe e ela não o fez. Na manhã seguinte, encontrara-a a fitar o vazio. Precisara de dias para a trazer de volta.

Inspirando profundamente, fechou os olhos e empurrou a mala para debaixo da cama, levantando a mais pequena e virando o seu conteúdo.

— Importas-te se eu acender incenso no quarto? — perguntou Corvina à colega.

Jade passou os olhos pelas coisas que estavam em cima da cama, e houve um brilho entusiasmado quando fitou as suas cartas.

— Miúda, tu lês *tarot*?

Corvina hesitou, depois assentiu suavemente.

— Sim.

— Isso é *tão* fixe! — exclamou Jade. Essa não era a reação que habitualmente recebia quando o admitia. — Podes fazer-me uma leitura um dia destes?

Corvina sorriu timidamente.

— Claro. Tenho jeito para isso.

— Não duvido. Tens ar disso — comentou Jade, acenando com a mão para abranger o quarto. — Sê tu mesma. Faz o que te deixa confortável. Eu levo tudo na boa.

O Universo prestara-lhe um favor com aquela rapariga. A sorrir, pegou nos paus de incenso que fizera a partir de flores esmagadas e folhas de salva e manjerição antes da viagem. O cheiro recordava-lhe a sua casa, as memórias bonitas e quentes de amor e afeto físico antes de isso desaparecer. Inspirando o aroma, acendeu dois paus de incenso e colocou-os num suporte de madeira. Depois, inclinou-se para o pôr no canto onde tinha visto a luz a piscar duas vezes. Enquanto o fumo subia pelas extremidades dos paus, fechou os olhos.

Como todas as noites desde que se lembrava, murmurou uma oração rápida, juntando as mãos e baixando a cabeça. Sentiu o amor encher-lhe o coração, como sempre acontecia quando fazia o seu pequeno ritual, uma âncora num lugar novo, uma forma de se sentir mais próxima da sua mãe.

— Acreditas em espíritos? — perguntou-lhe a colega de quarto, passados alguns minutos, quando ela já tinha acabado.

Corvina encolheu os ombros.

— Porquê?

— Por curiosidade.

— Acredito mais em energias — esclareceu Corvina.

— Sim, eu entendo. O meu pai de acolhimento...

Corvina deixou Jade falar sobre a sua família de acolhimento enquanto voltava para a cama para arrumar os objetos, mas parou de repente. Sobre os lençóis, havia uma carta solitária virada para cima, uma carta que ela não se lembrava de ter tirado, uma carta em que nem sequer se lembrava de ter tocado.

A carta da Morte.



O castelo gemia à noite. Era assustador.

Apesar de estar completamente exausta depois de regressar do jantar, Corvina não conseguia adormecer, embora o quisesse mesmo muito. Não sabia se era o facto de estar a acostumar-se a uma cama nova, de partilhar o quarto com alguém ou apenas os sons do vento a assobiar pela janela e pela torre, mas não conseguia dormir.

Jade deitara-se na cama quase imediatamente após o jantar. Resonava enquanto Corvina olhava para as vigas de madeira no teto, as sombras dançando sobre elas de uma forma morbidamente bela.

Observou aquelas sombras a moverem-se e, de repente, mais qualquer coisa se juntou aos sons do vento e do castelo.

Uma melodia assombrosa.

Corvina pestanejou, estudando o quarto desconhecido e demorando um instante a perceber como este era diferente da sua antiga casa de campo, atenta à escuridão à sua volta.

Acendeu o candeeiro de cabeceira e viu a colega de quarto a dormir profundamente, enrolada no cobertor que a universidade lhes dera. O relógio ao seu lado dizia-lhe que passavam duas horas da meia-noite.

A melodia continuava. Assombrosa. Inquietante. Etérea. Corvina apagou as luzes, decidida a tentar dormir.

Sentira-se exausta ao fim da noite, tanto que mal vestira a camisa de dormir e já estava a cair na cama.

Mas havia qualquer coisa a afastá-la do sono. Ela não sabia o que era, mas, fosse o que fosse, estava a atrair o seu coração, a atraí-la para a música, com um puxão tão forte que a deixava sem fôlego. Seria isso o que os marinheiros sentiam outrora, quando as sereias os chamavam?

Cerrando os dentes, levantou-se uma vez mais. Ela devia ouvir aquela música. Havia uma razão para isso. A última vez que sentira esse puxão sem fôlego, que mais parecia uma carência profundamente enraizada no seu coração, fora pouco antes de a sua mãe ter

sido levada. Por alguma razão, aquilo era importante e ela não podia ignorá-lo.

A melodia continuava a soar enquanto ela calçava as sabrinas que deixara junto à cama. Sem uma lanterna para levar, dirigiu-se à cómoda que partilhava com Jade e colocou uma vela no castiçal que aí guardava. Acendendo a vela com um fósforo que encontrara na cómoda, olhou para a pouca luz que ela proporcionava. Mesmo assim, dirigiu-se para a porta.

Jade dissera-lhe que não havia restrições à noite, mas que, normalmente, ninguém saía do quarto. Ela fizera uma careta engraçada ao passar essa informação, mas Corvina estava demasiado exausta para continuar a conversa. Ela também não teria saído do quarto, se não fosse a melodia. Não porque tivesse medo do escuro ou de qualquer coisa que nele se escondesse, mas apenas porque estava cansada.

Abrindo a porta, olhou para o corredor escuro. O seu quarto ficava no segundo andar da torre, juntamente com outros oito quartos, todos em silêncio. Pendurada ao lado das escadas estava uma única luz, sendo que o restante corredor estava às escuras.

Corvina olhou para a camisa de noite branca de manga curta e pensou se deveria mudar de roupa. Sempre usara camisas de dormir à noite e saias e vestidos durante o dia. O par de calças largas era uma nova adição ao seu guarda-roupa, apenas para viajar.

Que se lixe.

Respirando fundo, saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si. Uma brisa fria levantou os fios do seu cabelo comprido e solto, enrolando-o à sua volta enquanto o volume da música se tornava mais alto. Seguindo o rasto do som, avançou com passos silenciosos à luz da vela até às escadas, apercebendo-se de que o som vinha de cima.

Pegando na camisa com a mão livre, subiu lentamente, com a música a ficar cada vez mais alta a cada piso, a sua respiração pesada devido à subida constante. Como é que mais ninguém acordava com a música? Estariam habituados? Ou não a ouviam de todo? Estaria dentro da sua cabeça?

Um.

Dois.

Três.

Quatro.

Cinco.

A escadaria de pedra terminou, envolta na escuridão que pairava no interior do castelo, e surgiu uma escada de metal em espiral. Ela subiu.

Seis pisos.

La contando conforme subia cada vez mais alto até chegar ao cimo da torre. A janelinha na parede da escadaria mostrava-lhe a pequena meia-lua no céu e a escuridão sem fim abaixo do castelo. A música vinha de detrás da pesada porta de madeira à sua frente. Era uma espécie de sótão no topo da torre. A porta não estava completamente fechada.

Subindo os últimos degraus, hesitou, não querendo que quem quer que estivesse do outro lado soubesse que ela estava ali e interrompesse a música. Mordendo o lábio, dirigiu-se silenciosamente, em bicos de pés, para o lado onde a porta estava entreaberta e espreitou para o interior.

Um rapaz, não, um homem, estava sentado em frente a um grande piano de madeira escura, e ela apenas conseguia ver-lhe o perfil. Empurrando a vela para trás da porta para se camuflar nas sombras, observou-o ao luar.

Estava sentado na penumbra, vestido de preto, com as mangas da camisola dobradas nos antebraços, os olhos fechados enquanto se inclinava para a frente, a linha do maxilar esculpida e sombreada pela barba por fazer, uma madeixa de cabelo escuro caída sobre a frente.

Ele era... *magnífico.*

Belo da forma como a dor era bela, porque sacudia o peito, fazia algo visceral ganhar vida no estômago e punha o sangue a ferver nas veias. Era encantador, como ela imaginava que a magia negra fosse, porque distorcia o ar à sua volta, deformava a mente e dominava os sentidos. Assombroso, como poucas coisas vivas podiam

ser, porque causava um arrepio na espinha e encobria-se na escuridão e alimentava-se da energia ao redor.

Corvina observava, enfeitada, enquanto os dedos dele voavam sobre as teclas sem que os seus olhos se abrissem uma única vez, a melodia persistente e angustiante flutuando entre eles, unindo-os no seu lamento.

Ele existia algures entre o preto e o branco quando tocava e, nesse instante, ela queria existir nesse subespaço com ele, ver o que ele via, ouvir o que ele ouvia, sentir o que ele sentia. Alguma coisa dentro dela ia-se apertando, soltando, apertando novamente, enquanto ela o observava, com o desejo de o tocar e ver se ele era real a causar-lhe comichão nas palmas das mãos. Ele tinha de ser real. Ela não podia estar a imaginar. Será que podia?

A música parou abruptamente quando ele abriu os olhos.

Corvina precipitou-se para trás da porta, com o coração a bater-lhe no peito.

Merda. Merda. Merda.

O silêncio repentino parecia mais pesado na noite do que deveria. Sentia-o no pescoço, onde a pulsação latejava, no peito, onde o coração batia a um ritmo acelerado, na mão que tremia ao apertar a camisa de noite.

O silêncio prolongou-se e ela sabia, simplesmente sabia, que ele estava atento à porta e à escada. Ela não estava certa de como o sabia, mas sabia. E teve de ficar ali e esconder-se até a pressão do olhar dele desaparecer. Fosse quem fosse, era mais intenso do que qualquer outra coisa que ela conhecesse.

— Quem quer que sejas, vai-te embora imediatamente. —
A ordem veio de uma voz masculina.

Ela fechou os olhos ao ouvi-la.

Um barítono profundo, arranhado, com um toque açucarado, mas rico, inebriante, cheio de textura.

Corvina considerou as suas palavras e percebeu que não fazia sentido continuar a esconder-se. Ele já sabia que ela estava ali. O melhor era ir-se simplesmente embora.

Inspirando profundamente, pegou na camisa com a mão com que a apertara e dirigiu-se para as escadas, segurando a vela para iluminar o caminho.

— Jesus — ouviu-o praguejar, mas não se virou.

Devia ter um aspeto fantasmagórico, com a camisa branca, os longos cabelos de corvo e o castiçal na mão. Sem parar, desceu rapidamente pelo caminho por onde tinha subido, com o coração a bater ao ritmo dos passos, dessa vez percorrendo a escada em espiral sem evitar fazer barulho, com a camisa de dormir e o cabelo solto a esvoaçarem atrás de si, o que provavelmente a fazia parecer louca. Que primeiro dia estava a ser aquele.

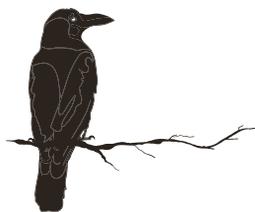
Sentiu os olhos dele sobre ela do cimo da escada e hesitou, cedendo à tentação de olhar para a cara dele só uma vez, para nunca mais voltar a vê-lo. Olhando-o de baixo para cima, sentiu quando os olhos dele, olhos claros cuja cor ela não conseguia distinguir, se cruzaram com os seus. Ela torceu o tecido da camisa de dormir no punho com mais força enquanto a sua pulsação disparava, atenta à observação dele.

Corvina engoliu com dificuldade, querendo dizer-lhe que não tivera intenção de o incomodar, dizer-lhe que ele era possivelmente o homem mais sombriamente belo que alguma vez vira, que tocava piano como se tivesse sido amaldiçoado a tocar para salvar a vida. Ela queria dizer-lhe tudo isso, mas não disse nada.

E, então, ela viu-a — a madeixa branca e arrojada que percorria o cabelo dele a partir da frente, desaparecendo atrás.

Apercebendo-se disso, libertou-se do olhar dele e desceu as escadas a correr, mantendo o mesmo ritmo acelerado até alcançar o quarto, determinada a esquecer o encontro.

Porque os olhos claros e a madeixa de cabelo branco só podiam significar uma coisa: ela tinha acabado de se cruzar com o demónio de olhos prateados de Verenmore.



*Há sempre alguma loucura no amor.
Mas também há sempre alguma razão na loucura.*

Friedrich Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*

CAPÍTULO 3

Corvina

O estrondo de um trovão fez estremecer as muralhas do castelo.

Corvina estava debaixo dos toldos da Ala Administrativa, depois de ter ido buscar os seus livros e alguns artigos de papelaria, de mãos cheias enquanto observava a vista deslumbrante do topo da montanha.

Mesmo depois de uma semana em Verenmore, não conseguia deixar de parar para admirar a vista sempre que podia. Era diferente de tudo o que poderia ter imaginado. Em criança, não vira muitos filmes nem costumava aceder à Internet para ver paisagens como aquela que tinha diante de si. Essa era uma das razões pelas quais não ter um telefone ou Internet na universidade não a incomodava. Nunca tivera nada disso. Em alternativa, havia uma linha telefónica para emergências e para encomendar mantimentos. Todos os outros assuntos eram tratados através da biblioteca da cidade, uma vez por semana, a partir do momento em que teve idade suficiente para ir até lá sozinha. A mãe ensinara-a a ser autossuficiente.

Abraçou os livros contra o peito quando sentiu a dor que a lembrança da sua mãe lhe provocava, mas depois afastou-a. Não era altura de se pôr nostálgica.

Vestida com uma das suas camisolas pretas de manga comprida e saia comprida castanha, com uma gargantilha de fita preta ao pescoço, Corvina sentia-se ela própria. O batom castanho-escuro complementava a sua pele e o delineador preto fazia com que os seus olhos se destacassem ainda mais. Tinha o cabelo preso na sua trança espinha de peixe favorita, com brincos de prata nas orelhas. Um aro de prata perfurava-lhe o nariz e, no pulso esquerdo, usava a pulseira com vários cristais que nunca tirava, exceto para os recarregar. É claro que as pessoas olhavam para ela quando passava. Mas, em Verenmore, os olhares eram mais curiosos do que antagónicos, como os que ela se habituara a receber durante toda a sua vida.

Durante a última semana, descobrira, por via da observação, interações limitadas e as suas maiores fontes de informação — Jade e Troy —, que a maioria dos estudantes de Verenmore tinha algum tipo de história pessoal, e era frequente que fosse trágica. Todos tinham os seus segredos e era por isso que o respeitavam nos outros. É evidente que havia alguns alunos parvos, mas eram poucos e deixavam-se ficar à distância. De um modo geral, os alunos só se ralavam com as próprias vidas e mantinham os amigos por perto.

E ela adorava isso.

Adorava a aceitação que sentia ali todos os dias, no gesto de cabeça que a senhora do refeitório comum lhe fazia, ou no sorriso aberto que Troy, o Parvalhão, lhe mostrava sempre que a via, ou no carinho com que ele e os seus amigos começaram a chamar-lhe «Púrpura», ou nos abraços aleatórios que Jade lhe dava todos os dias, sem mais nem menos.

A vida estava a melhorar e, pela primeira vez, Corvina estava entusiasmada com as possibilidades do seu futuro. Apesar de ainda não ser tão aberta com eles como pensava vir a ser — ou confiar o suficiente em alguém para lhes falar de tudo —, estava a aprender a aceitar com graciosidade a mão que lhe estendiam com amizade. Embora uma parte de si não quisesse nada mais do que encontrar alguém que aceitasse os seus segredos sem que tivesse de fazer escolhas constantes.

Estar sozinha era cansativo.

Fazia-a pensar no homem que tocava piano. Nunca contara à colega de quarto a sua pequena aventura na primeira noite na torre, como lhe chamava na sua cabeça. Não havia motivo para isso. Não via o demónio de olhos prateados desde essa noite e, embora as aulas começassem dentro de uma hora, e ela soubesse que seria inevitável cruzar-se com ele, não havia razão para Jade se preocupar com isso, não depois do que acontecera à sua anterior colega de quarto.

— Porra, porra, porra. — A rapariga em questão veio a correr na sua direção, com os livros apertados contra o peito, de *top* amarelo e calções de ganga (que Corvina descobrira que eram os preferidos de Jade), e os olhos verdes arregalados.

— O que foi? — perguntou Corvina, franzindo o sobrolho ao ver a apreensão no seu rosto.

— Esqueci-me, porra!

— Do quê? — perguntou Corvina de novo, confusa. — De que te esqueceste?

— É o ano do Baile Negro.

Corvina sentiu que estava a franzir mais as sobrancelhas.

— O quê?

— Meu Deus, tu não sabes... — Jade abanou a cabeça e começou a caminhar em direção à Ala Académica, cortando caminho pelos jardins enquanto Corvina acelerava o passo.

Corvina não tinha ido àquela ala em particular durante a semana, apesar de a ter visto de longe quando ia ao refeitório, ou à Ala Principal, como lhe chamavam por ali.

A Ala Académica ocupava a maior parte do castelo e ficava mesmo nas traseiras do terreno, aninhada no ponto mais alto da montanha. Uma noite durante o jantar — depois de se ter instalado na mesa dela e de a ter informado de que iam ser grandes amigos —, Troy dissera-lhe que a parte de trás da propriedade não passava de penhascos íngremes e letais, que ela podia ver das janelas. Ela ficou ansiosa por se aventurar nessa nova parte do território.

— Não sei os pormenores exatos. — A voz de Jade, vinda do seu lado, interrompeu as suas reflexões enquanto se dirigiam para as salas de aula a passo firme. — Acontece de cinco em cinco anos. É um baile de máscaras tradicional que faz parte da história da universidade desde a sua fundação.

— Está beeeeeem — fez Corvina, desejando que ela continuasse. — E isso é mau porquê?

— Porque, sempre que há um Baile Negro, desaparece alguém. Corvina fez uma pausa perante aquelas palavras, olhando de relance para a amiga.

— Mas que raio? — sussurrou, avaliando a seriedade da afirmação de Jade.

Ela parecia séria como tudo.

A outra rapariga começou a caminhar em direção ao edifício enquanto as nuvens se agrupavam no céu, lançando um cinzento sombrio sobre tudo em redor.

— Tanto quanto sei — continuou Jade, depois de Corvina se ter juntado a ela —, o primeiro desaparecimento registado foi há cerca de cem anos. Dizem que o tipo se perdeu na floresta. O desaparecimento seguinte aconteceu na mesma noite, cinco anos depois. Já lá vão uns cem anos e já desapareceram quase vinte pessoas na mesma noite. É bastante aterrador, está bem?

Era aterrador e muito estranho.

— Espera. — Corvina abanou a cabeça. — A polícia não fez nenhuma investigação?

Jade soltou uma gargalhada sem humor.

— O que há para investigar? Segundo consta, não há indícios de crime. Desaparecem raparigas, rapazes, membros do corpo docente e até pessoas da cidade. Nunca encontraram nenhum corpo. E, como se estende por tantos anos, as pessoas assumem que são fugitivos ou que se perderam. Mas, acredita em mim, sei por experiência própria que fugir daqui não é fácil, principalmente à noite.

— Ei, olhos esquisitos — gritou Roy, uma das raparigas da sua torre, a Corvina.



AQUI COMEÇA UMA HISTÓRIA MISTERIOSA
SOBRE O SOMBRIO, O MACABRO E UMA
PAIXÃO PROFUNDA QUE FLORESCE NO MAIS
IMPROVÁVEL DOS LUGARES...

Quando Corvina Clemm recebe a notícia de que foi admitida na misteriosa Universidade de Verenmore, encara-o como um sinal do Universo, daqueles que a sua mãe sempre lhe dissera para não ignorar. Depois de uma infância solitária e marginal, Corvina anseia por um recomeço, mas não esperava encontrar um castelo isolado no topo de uma montanha, rodeado por bosques sombrios e repleto de segredos que têm perdurado ao longo dos anos.

Vad Deverell é um enigmático professor que conhece todos os mistérios do castelo e sobre quem circulam rumores perturbadores. Quando conhece Corvina, percebe de imediato o perigo que a rapariga de olhos violeta representará para ele. Os seus caminhos nunca se deveriam ter cruzado, mas nenhum dos dois parece ser capaz de ignorar aquela atração inesperada.

Quando Corvina se vê envolvida num mistério centenário que assombra o castelo, Vad parece ser o único com algumas pistas sobre os episódios macabros que marcam a história de Verenmore. Será ela capaz de se manter afastada daquele homem tão assustador quanto fascinante, enquanto tenta descobrir a verdade?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895830428



9 789895 830428 >